


Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 331 | vol. 20 | 2022



**A indecente hermenêutica
bíblica de Clarice Lispector**
João Melo e Silva Junior

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 331 | vol. 20 | 2022

**A indecente hermenêutica
bíblica de Clarice Lispector**

João Melo e Silva Junior

Religioso jesuíta e pesquisador em Teologia
na PUC-SP e na FAJE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-Adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 331 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues ; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Clarice Lispector por Maureen Bisilliat | Wikimedia Commons

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20, n. 327 (2003)-. – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
2003-. v. 20.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).

ISSN 2448-0304

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector

João Melo e Silva Junior

RESUMO: Clarice Lispector era uma leitora da Bíblia. Sua obra está permeada de referências, imagens, alusões e, porque não dizer, reinterpretações de conteúdos bíblicos. Mas, que tipo de leitura dos textos Sagrados emerge da obra da escritora? Nesse artigo, abordamos o uso da Bíblia em alguns textos de Clarice a fim de tematizar uma hermenêutica do livro Sagrado e de elementos da tradição judaico-cristã, enquanto uma espécie de leitura popular da Bíblia, isto é, desde um lugar social específico, assumindo todas as experiências humanas que são vivenciadas no corpo e através de suas relações. Privilegiamos para essa aproximação a teóloga argentina Marcella Althaus-Reid pela sistematização que ela faz dessa abordagem chamando-a de “indecente”, categoria referenciada por Clarice na Explicação introdutória à sua obra *A via crucis do Corpo*. Essa interpretação aparentada, não intencionada por Clarice nem por Marcella, parece possibilitar que se leia a obra clariciana como hermenêutica bíblica.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector. Marcella Althaus-Reid. Hermenêutica bíblica.

Clarice Lispector's indecent biblical hermeneutics

João Melo e Silva Junior

ABSTRACT: Clarice Lispector was a Bible reader. Her work is permeated with references, images, allusions and reinterpretations of biblical content. But what kind of reading of the Sacred Texts emerges from the writer's work? In this article, we approach the use of the Bible in some texts by Clarice in order to thematize a hermeneutics of the Sacred Book and elements of the Judeo-Christian tradition, as a kind of popular reading of the Bible, that is, from a specific social place, inherent to all human experiences that are lived in the body and through its relationships. The theoretical approach for this article is based on Marcella Althaus-Reid's category of "indecent hermeneutics". This related interpretation, not intended by Clarice or Marcella, seems to make it possible to read Clarice's work as biblical hermeneutics.

KEYWORDS: Clarice Lispector. Marcella Althaus-Reid. Biblical hermeneutics.

A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector

João Melo e Silva Junior

Religioso jesuíta e pesquisador em Teologia na PUC-SP e na FAJE

INTRODUÇÃO

Clarice Lispector era uma leitora da Bíblia. Sua obra está permeada de referências, imagens, alusões e, por que não dizer, reinterpretações de conteúdos bíblicos. Mas que tipo de leitura dos Textos Sagrados emerge da obra de Clarice? De fato, é difícil catalogar a obra de Lispector como filiada a um movimento literário ou corrente de pensamento. Além disso, não pretendemos apurar a intenção da escritora, isto é, se ela tinha ou não uma *agenda*¹ de interpretação bíblica. Queremos, antes, perguntar se a abordagem e uso da Bíblia nos textos de Clarice assumem uma forma que pode ser descrita e tematizada enquanto hermenêutica do

1 No sentido de ter um objetivo secreto ou razão para fazer algo.

Livro Sagrado e de elementos da tradição judaico-cristã. Mais ainda, queremos verificar se essa abordagem bíblica encontra em outros/as autores/as e teólogos/as um uso parecido, como é a nossa suspeita.

Distante de uma abordagem bíblica consolidada pelos discursos das autoridades eclesiais anteriores ao Vaticano II, a leitura popular da Bíblia (ALTHAUS-REID, 2001, p.06;26), difundida por teólogos/as no contexto da Teologia da Libertação², particularmente as e os identificados/as como feministas e queers, propõe a leitura desde um lugar social específico (MUSKOPF, 2020, p.32-33). Dito de maneira simples, não se busca no texto bíblico respostas de como deve ser a vida de quem os lê. Antes, se assumem todas as experiências humanas que são vivenciadas no corpo e através de suas relações, como que para contar aos Sagrados Textos o que a experiência vivida diz a eles e deles.

Na obra *A Via Crucis do Corpo*, por exemplo, as personagens de Clarice parecem exemplificar esse uso (LISPECTOR, 2015a). Privilegiando esta obra, elegemos para essa aproximação a teóloga argentina Marcella Althaus-Reid pela sistematização que ela faz dessa abordagem chamando-a de “indecente” (ALTHAUS-REID, 2001, p.02), categoria também referenciada por Clarice na *Explicação* introdutória à sua obra supracitada (LISPECTOR, 2015a, p.07). Essa interpretação aparentada, não intencionada por Clarice ou pela teóloga de nosso diálogo, parece possibilitar que se leia a obra clariciana na esteira dessa hermenêutica bíblica que é, antes de tudo, um jeito de ler a vida.

2 Carlos Mesters, Francisco Orofino, Nancy Cardoso, Shigeyuki Nakanose, Elsa Tamez e tantos/as outros/as, muito ligados/as ao CEBI, ao Centro Bíblico Verbo Divino, e às revistas RIBLA e Estudos Teológicos.

TRAÇOS EPISTEMOLÓGICOS EM EXPLICAÇÃO

A hermenêutica bíblica que emerge da obra clariceana pode encontrar em *Explicação*, primeira parte do livro *A via Crucis do Corpo*, elementos suficientes para pavimentar aspectos epistemológicos dessa abordagem interpretativa da Bíblia presente em toda a obra da escritora.

A existência de *Explicação* parece ser justificada pela percepção de que o teor da obra “era assunto perigoso” (LISPECTOR, 2015a, p.07). Mais do que isso, era assunto indecente (LISPECTOR, 2015a, p.07). Althaus-Reid acredita que indecência, como um gesto social, é extremamente político e erótico, e se relaciona com a construção da identidade do sujeito através da subversão das identidades econômicas, religiosas e políticas (ALTHAUS-REID, 2001, p.02). A obra de Clarice não é indecente no sentido de que poderia se enquadrar nos moldes tradicionais de literatura erótica ou de literatura pornográfica (DEFILIPPO, 2008, p.99). Ela é indecente no sentido apresentado por Marcella, de gesto social político-erótico de subversão que questiona “o tradicional campo da decência e da ordem latino-americanas enquanto permeiam e apoiam as múltiplas estruturas de vida (eclesiológica, teológica, política e amorosa)” (ALTHAUS-REID, 2001, p.02, tradução nossa).³

Torna-se gesto social político-erótico de subversão porque a publicação de *A via Crucis do Corpo*, segundo a *Explicação* de Clarice, não será bem recebida: “Vão

3 “The traditional Latin American field of decency and order as it permeates and supports the multiple (ecclesiological, theological, political and amatory)” (ALTHAUS-REID, 2001, p.02).

me jogar pedras” (LISPECTOR, 2015a, p.07). A imagem do apedrejamento é recorrente na tradição bíblica (Dt 22,21; Ez 16,38-40; Jo 8,1-11). Trata-se do destino das mulheres indecentes, por isso, os contos dessa obra eram “assunto perigoso” (LISPECTOR, 2015a, p.07). Há uma ordem social de decência que espera o cumprimento de um papel social não questionador da moral e bons costumes. Mas a Clarice de *A via Crucis do Corpo* arremata: “Pouco importa. Não sou de brincadeiras, sou mulher séria” (2015a, p.07); típica subversão de identidade da escritora muito maternal (LISPECTOR, 1977) que, no Dia das Mães, escreve histórias que não queria que seus filhos lessem porque teria vergonha (LISPECTOR, 2015a, p.07).

Clarice dá mostras de indecência não pelo teor erótico que alguns de seus contos possuem, mas, por exemplo, pela apropriação subversiva da alcunha de lixo que sua obra recebeu de um/a leitor/a: “Uma pessoa leu meus contos e disse que aquilo não era literatura, era lixo. Concordo. Mas há hora para tudo. Há também a hora do lixo” (LISPECTOR, 2015a, p.07). Clarice subverte o conceito de lixo – ou torna-o indecente – e, de negativo, “lixo” passa a ser afirmação de identidade alternativa para seus contos: há uma hora para o lixo, isto é, é chegada a vez de seus contos eróticos. Do mesmo modo, há também a hora da hermenêutica indecente – ou hermenêutica lixo, se quisermos. O que importa é que a maneira como a obra de Clarice se apropria de conteúdos bíblicos revela em forma de ironia e humor sagaz a marginalização de determinados grupos sociais e sua contínua resistência.

A via Crucis do Corpo está particularmente repleta de identidades subvertidas da Bíblia e da tradição cris-

tã. Na verdade, são, num primeiro momento, histórias indecentes, pois se trata de histórias ficcionadas a partir da realidade de vidas vividas (LISPECTOR, 2015a, p.07) que questionam os padrões econômicos, sexuais, religiosos e sociais hegemônicos. Então, num segundo momento, auriu-se da Bíblia elementos para dialogar com essas realidades. Esse é um aspecto central da forma de ler a vida e a Bíblia na prática de Marcella Althaus-Reid, presente também na obra de Clarice Lispector. Assim, a hermenêutica bíblica que emerge das obras de Lispector brota de um diálogo de dois textos, a vida e a Bíblia. Clarice parece reclamar para si a autoridade de ler e interpretar a Bíblia a partir de sua realidade e de suas experiências (MUSSKOPF, 2020, p.22-23).

Sobre essas histórias indecentes, Clarice afirma: “Eu mesma espantada. Todas as histórias deste livro são contundentes. E quem mais sofreu fui eu mesma. Fiquei chocada com a realidade” (LISPECTOR, 2015a, p.07). A hermenêutica bíblica emergente da obra clariciana deixa-se afetar pela realidade: “Este livro é um pouco triste porque eu descobri, como criança boba, que este é um mundo cão” (LISPECTOR, 2015a, p.07). Assim, acaba por desvelar a opressão e exploração dos/as “inlibertos/as”. A *via Crucis do Corpo* possui uma abordagem de engajamento social que interconecta questões de classe social e gênero.

Com sua característica linguagem irônica e repleta de metáforas sexuais e duplos sentidos, Marcella fez uma crítica mordaz às suas colegas feministas:

As teólogas feministas da América Latina são majoritariamente do tipo *vanilla*, não-aventuroso; elas não querem a desaprovação de suas igrejas e instituições; elas são mulheres

heterossexuais ortodoxas (ou fingem ser) com um entendimento minimalista sobre diferença sexual e pouca fome por posições teológicas mais prazerosas (ALTHAUS-REID, 2001, p.52, tradução nossa).⁴

A autora de *A via Crucis do Corpo* não é teóloga, todavia expressa em *Explicação* o medo denunciado por Marcella: “Vão me apedrejar”; “Era assunto perigoso”; “Não fazia sentido escrever nesse dia histórias que eu não queria que meus filhos lessem porque eu teria vergonha” (LISPECTOR, 2015a, p.07). Então, decide que só publicaria sob pseudônimo (LISPECTOR, 2015a, p.07).

De fato, o itinerário da escrita de *A via Crucis do Corpo* relatado em *Explicação* faz crer que quem mais sofreu foi mesmo a autora (LISPECTOR, 2015a, p.07) que, portanto, diante do medo da recepção de sua obra, vive a sua *via crucis*, antes de concordar que “devia ter liberdade de escrever o que quisesse”, e sucumbir a si mesma (LISPECTOR, 2015a, p.07), isto é, aceitar o desafio de seu editor e publicar sem pseudônimo (LISPECTOR, 2015a, p.07). Essa postura assegura que a interpretação dos Textos Sagrados na obra de Clarice não privilegia uma hermenêutica do medo, mas uma hermenêutica da liberdade porque esse é o seu jeito de escrever a vida: “Hoje, 13 de maio, segunda-feira, dia da libertação dos escravos – portanto da minha também” (LISPECTOR, 2015a, p.07-08).

O tema da liberdade de escrita é tratado por Clari-

4 “The feminist theologians of Latin America are mostly of the unadventurous, vanilla kind; they do not want disapproval from their churches or institutions; they are orthodox heterosexual women (or pretend to be) with a minimalist insight into sexual difference and little hunger for more pleasurable theological options” (ALTHAUS-REID, 2001, p.52).

ce Lispector na afamada entrevista que concede à TV Cultura em 1977. Na entrevista, a escritora diz que escreve quando quer, a fim de manter a sua liberdade (LISPECTOR, 1977). De fato, em *A via Crucis do Corpo*, a autora afirma que não escreve por encomenda, mas por impulso, que ela também chama de inspiração (LISPECTOR, 2015a, p.07). Trata-se de um traço metodológico de sua escrita que torna tudo tão incerto (LISPECTOR, 1977) e, ao mesmo tempo, um traço epistemológico da maneira como lê a realidade, com ânsias de liberdade, também para questioná-la com indignação (LISPECTOR, 1977). Uma hermenêutica indecente da vida e da Bíblia possui

uma metodologia e epistemologia que não procuram adaptar a realidade a categorias e ideias pré-definidas sobre como as coisas deveriam ser, mas procura apreender e articular alternativas que emergem precisamente das experiências de quem precisa sobreviver às condições de vida injustas e violentas (MUSSKOPF, 2020, p.14-15).

A abordagem e uso da Bíblia nos textos de Clarice assumem uma forma que pode ser descrita e tematizada como hermenêutica indecente.

PRÁTICAS HERMENÊUTICAS INDECENTES

Em um comentário sobre o Evangelho segundo Marcos, Althaus-Reid oferece quatro suposições que são importantes se ter em conta quando da leitura do texto bíblico (2011, p.741-742). Com elas, não se pretende estabelecer um novo método fixo para cunhar novas verdades sobre o texto bíblico e sua intencionalidade, mas agregar elementos que ajudem a

encontrar respostas às questões atuais da vida vivida (MUSSKOPF, 2020, p.22).

Embora nosso intuito seja privilegiar trechos de abordagem bíblica na obra *A Via Crucis do Corpo*, nesse momento, queremos referenciar outras produções da escritora, mesmo de conteúdo não bíblico, a fim de demonstrar que os pressupostos aqui apresentados permeiam o conjunto de sua obra.

Primeiro Pressuposto

A primeira suposição diz: “Ler Cristo nas escrituras não pode ser exemplar, mas uma leitura reveladora. Uma leitura que desmascara a de Deus no próprio caos íntimo de amor do Cristo, e as expectativas e contradições messiânicas do público, ou seja, as vozes da subversão em um texto bem domado” (ALTHAUS-REID, 2011, p.741-742, tradução nossa).⁵

Para Marcella, uma leitura reveladora significa uma leitura sem os conceitos doutrinários pré-definidos com que se pode aproximar do texto. Trata-se de uma abordagem de abertura ao novo que pode se desvelar na leitura. Por isso, não se deve fazer uma leitura exemplar, isto é, absolutizante e rígida, mesmo diante do “texto bem domado”. Antes, cultiva-se a abertura revelacional que privilegiadamente opera nas “vozes da subversão” do texto e da vida. Essa abordagem desmascara imagens caducas de Deus, e as expectativas religioso-messiânicas convencionais, abrindo espaços

5 “Reading Christ in the scriptures cannot be an exemplary but a revelatory reading. A reading that unmasks that of God in Christ’s own intimate chaos of love, messianic public expectations and contra/dictions, that is, the voices of subversion in an otherwise well-tamed text” (ALTHAUS-REID, 2011, p.71-742).

para novos encontros e significados.

No romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, a personagem Lóri vive exatamente essa experiência interior e corpórea do desmascaramento de uma imagem de Deus:

Mas seu Deus não lhe servia: fora feito à sua própria imagem, parecia-se demais com ela, tinha alguma ansiedade nas soluções – só que Nele era ansiedade criadora – a mesma severidade que era dela. E quando Ele era bom, o era igual a ela se tivesse bondade. O verdadeiro Deus, não feito à sua imagem e semelhança, era por isso totalmente incompreendido por ela, e ela não sabia se Ele poderia compreendê-la. O seu Deus até agora fora terrestre, e não era mais. De agora em diante, se quisesse rezar, seria como rezar às cegas ao cosmos e ao Nada. E sobretudo não podia mais pedir ao Deus. Descobriu que até agora rezara para um eu-mesmo, só que poderoso, engrandecido e onipotente, chamando-o de o Deus e assim como uma criança via o pai como a figura de um rei (LISPECTOR, 1998a, p.40).

Para a personagem, que aos poucos encontrará novos sentidos e saberes de relação com o transcendente, a experiência, agora, é de profunda desconstrução para abrir espaço para o novo revelacional: “A palavra de Deus era de tal mudez completa que aquele silêncio era Ele próprio” (LISPECTOR, 1998a, p.39). O desnudamento das máscaras e expectativas e a mudez dos conceitos pré-definidos permitem uma leitura indecente do texto, assim como no caso de Lóri, uma nova experiência do Deus tornado indecente.

Segundo pressuposto

A segunda suposição reza:

A leitura de Cristo não deve tornar-se uma tarefa conclusiva. A revelação não é compatível com o fechamento produzido por leituras autorizadas (e autoritárias) da escritura. O que buscamos é um deslocamento permanente de referências, um cenário de areia movediça como alternativa para uma leitura do diferente de Deus em Jesus, para além da configuração ideológica da heterossexualidade (ALTHAUS-REID, 2011, p.742, tradução nossa).⁶

Para Marcella, a configuração ideológica da heterossexualidade indica o modelo ideológico que tem se tornado centro organizativo e excludente de outras experiências, num sistema de dominação e exploração baseados em noções misóginas e sexistas que se servem de aparato teológico para justificar sua opressão econômica e de classe. A narrativa da indecência da vida vivida é condição para resistir à imposição de um modelo ideal de forma de vida que não necessariamente traduz como as pessoas realmente vivem e se expressam (MUSSKOPF, 2020, p.81).

Por isso, a leitura da Bíblia não pode encerrar identidades, legitimando umas e condenando outras *ad aeternum*, mas precisa ser apropriada pelos grupos sociais dissidentes. A estratégia de Marcella é que o constante deslocamento de referências permita a sobrevivência e resistência das minorias oprimidas, legitimando suas

6 "Reading Christ should not become a conclusive task. Revelation is not compatible with the closure produced by authoritative (and authoritarian) readings of the scripture. What we are looking for is a permanent displacement of references, a quicksand scenario as the alternative for a reading of the different of God in Jesus, beyond the ideological configuration of heterosexuality" (ALTHAUS-REID, 2011, p.742).

existências fluidas. Dito de maneira simples, à luz da prática dos movimentos sociais, é preciso ocupar a Bíblia – ou tornar indecente a sua leitura.

Em *A via Crucis do Corpo*, estamos diante de uma coletânea de histórias indecentes com elementos bíblicos, que voltaremos a seguir. Todavia, recorreremos agora à talvez mais famigerada obra de Clarice, *A Hora da Estrela*. Nela, a cartomante “fã de Jesus” (LISPECTOR, 1998b, p.76) que a protagonista Macabéa visita, partilha sua história marginalizada e perturbadora da decência:

Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele. Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. Com ele era amor, com os outros eu trabalhava. Depois que ele desapareceu, eu, para não sofrer, me divertia amando mulher. O carinho de mulher é muito bom mesmo, eu até lhe aconselho porque você é delicada demais para suportar a brutalidade dos homens e se você conseguir uma mulher vai ver como é gostoso, entre mulheres o carinho é muito mais fino. Você tem chance de ter uma mulher? (LISPECTOR, 1998b, p.78).

Poder-se-ia elucubrar sobre o passado e as condições da vida vivida que levaram essa personagem a tornar-se a cartomante que é. Pode-se, também, questionar: Será uma discípula de Jesus essa cartomante “doidinha por Ele” (LISPECTOR, 1998b, p.76)? Com que autoridade ela pode dizer: “quem está ao meu lado, está no mesmo instante ao lado de Jesus” (LISPECTOR, 1998b, p.76)? Será essa amante de homens e mulheres próxima de um Jesus que desbanca até polí-

cia (LISPECTOR, 1998b, p.77)? Será ela como uma das mulheres que os Evangelhos dizem que O seguiam (Lc 8,1-3)? Seja como for, ela propaga a Macabéa: “Seja também fã de Jesus porque o Salvador salva mesmo” (LISPECTOR, 1998b, p.77). Não se trata, agora, de fechar uma conclusão produzida a partir da leitura do texto clariciano, mas de provocar ambiguidades inconclusas, como sugere Marcella.

Na entrevista que concede à TV Cultura, a escritora Clarice Lispector comenta que *A Hora da Estrela* é a “história de uma moça tão pobre que só comia cachorro-quente. A história não é isso só não. A história é de uma inocência pisada, de uma miséria anônima” (LISPECTOR, 1977). E acrescenta: “Eu morei no Recife, me criei no Nordeste. E depois, no Rio de Janeiro tem uma feira de nordestinos no Campo de São Cristóvão e uma vez eu fui lá. E peguei o ar meio perdido do nordestino no Rio de Janeiro. Daí começou a nascer a ideia” (LISPECTOR, 1977).

Lispector buscou articular a realidade de uma jovem alagoana no Rio de Janeiro a um povo bíblico para dali colher o nome de sua protagonista: Macabéa, nome inspirado nos Macabeus. A Bíblia católica tem dois livros dedicados a história dos Macabeus (1Mc e 2Mc). Povo guerreiro e rebelde, retomaram parte das terras de Israel do domínio romano antes de sucumbirem à nova investida dos dominadores. Macabeus é termo de origem hebraica que significa martelo, para indicar a força e determinação desses guerreiros. Em *A Hora da Estrela*, a protagonista Macabéa é a subversão dessa identidade bíblica, ao mesmo tempo em que é o retrato de uma juventude nordestina no sudeste do Brasil. Dito isso, podemos ir à terceira suposição.

Terceiro pressuposto

“Ler Cristo precisa se relacionar com as práticas sexuais de Jesus. Com isso entendemos as práticas solidárias de Jesus com amor e uma práxis de justiça social, fora de uma separação dualista mente/corpo” (ALTHAUS-REID, 2011, p.742, tradução nossa).⁷

Nessa terceira suposição, Althaus-Reid aponta o modo de proceder de Jesus enquanto prática amorosa e de justiça social como elemento chave para a interpretação bíblica. Nesse sentido, a leitura do texto, ou melhor, a literatura bíblica deve nos provocar a amar e praticar a justiça social. Trata-se de relacionar leitura, afeto e práxis. As publicações de Clarice parecem conter a mesma preocupação. O narrador de *A Hora da Estrela* expõe sua prática sexual, isto é, sua prática solidária com amor em relação à Macabéa narrando-a:

Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela. E só eu é que posso dizer assim: “que é que você me pede chorando que não lhe dê cantando”? Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver (LISPECTOR, 1998a, p.36).

Entretanto, a literatura clariciana parece empurrar para um algo a mais da prática narradora e literária, mesmo que solidária com amor, como podemos inferir da crônica *Literatura e Justiça*:

Muito antes de sentir “arte”, senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu

7 “Reading Christ needs to relate to Jesus’ sexual practices. By that we understand Jesus’ practices of solidarity with love and a praxis of social justice, outside a dualist mind/body separation” (ALTHAUS-REID, 2011, p.742).

queria era “fazer” alguma coisa, como se escrever não fosse fazer. O que não consigo é usar escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e me humilhe. O problema de justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele – e, sem me surpreender, não consigo escrever. E também porque para mim escrever é procurar. O sentimento de justiça nunca foi procura em mim, nunca chegou a ser descoberta, e o que me espanta é que ele não seja igualmente óbvio em todos (LISPECTOR, 2018, p.331).

Uma leitura de literatura, bíblica ou não, que só conduzisse a uma autodescoberta e/ou a uma relação com o transcendente ensimesmada em si mesma, não parecem suficientes. É preciso deixar-se afetar e direcionar-se à práxis. A crônica a seguir, *O que eu queria ter sido*, demonstra a percepção dos problemas sociais como uma inquietação que a literatura provoca e leva a desejar fazer, a agir, a lutar:

E eu sentia o drama social com tanta intensidade que vivia de coração perplexo diante das grandes injustiças a que são submetidas as chamadas classes menos privilegiadas. Em Recife eu ia visitar aos domingos a casa de nossa empregada nos mocambos. E o que eu via me fazia como que me prometer que não deixaria aquilo continuar. Eu queria agir. (...) No entanto, o que terminei sendo, e tão cedo? Terminei sendo uma pessoa que procura profundamente o que sente e usa a palavra que o exprima. É pouco, é muito pouco (LISPECTOR, 2018, p.82).

Quarto pressuposto

Finalmente, precisamos ler a vida de Jesus com os mesmos olhos que lemos histórias nos jornais sobre homossexuais sendo assassinados. A menos que possamos localizar a paixão de Jesus na vida real das pessoas, não seremos capazes de entender o significado da encarnação nem a subversão dos corpos que a ressurreição implica (ALTHAUS-REID, 2011, p.741-742, tradução nossa).⁸

Essa quarta suposição de Marcella considera pessoas homossexuais sendo assassinadas enquanto categoria ilustrativa de grupos sociais marginalizados e/ou rejeitados pela sociedade. Ela relaciona suas vivências com a paixão de Jesus na vida real das pessoas.

A escritora Clarice Lispector conta, em sua já citada entrevista à TV Cultura, quando questionada sobre sua obra predileta, que uma delas é

uma coisa que eu escrevi sobre um bandido, um criminoso chamado Mineirinho, que morreu com treze balas quando uma só bastava. (...) Eu me transformei no Mineirinho, mas sacrado pela polícia. Qualquer que tivesse sido o crime dele uma bala bastava, o resto era vontade de matar. Era prepotência (LISPECTOR, 1977).

Lispector retrata em *Mineirinho* o brutal assassinato de um bandido cometido pela polícia. No conto, a autora se identifica com o personagem; melhor, deseja identificar-se com ele, quase como num movimento de encarnação subversiva:

8 "Finally, we need to read the life of Jesus with the same eyes that we read stories in the tabloids about homosexual people being killed. Unless we can locate Jesus' passion in the real life of people we will not be able to understand the meaning of incarnation nor the subversion of bodies that resurrection implies" (ALTHAUS-REID, 2011, p.741-742).

Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina - porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro. Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo (LISPECTOR, 2016, p.219).

O olhar com que Clarice vê Mineirinho assassinado e enxerga a si mesma sendo baleada, é o mesmo olhar com que Marcella vê pessoas homossexuais sendo assassinadas e enxerga a paixão de Jesus na vida real de hoje. Essa maneira de olhar a vida e a Bíblia é pressuposto hermenêutico indecente.

O jeito de ler a Bíblia em “O lustre”

No romance *O lustre*, a protagonista Virgínia inicia sessões de leituras da Bíblia com um amigo, por-teiro do seu prédio:

Ele abriu no Sermão da Montanha, começou a ler em voz tosca e angulosa com hesitações preenchidas por vagos murmúrios profundos e como sonolentos pela dificuldade. Ao redor fazia silêncio; Virgínia apoiou a cabeça nas mãos sem esforço, com delicadeza. No terceiro serão uma sinceridade cheia de esperança estabelecera-se entre eles e ela ouvia a leitura de lábios entreabertos como uma história (LISPECTOR, 2015b, p.93).

Ler a Bíblia “como uma história” (LISPECTOR, 2015b, p.93) significa ler a Bíblia como literatura. Do mesmo modo que toda literatura, a Bíblia, diante do leitor, torna-se um texto em aberto. Essa abertura permite a construção de novas significações:

Num trecho Jesus na multidão sentia-se tocado pela doente e diziam-lhe: mas como perguntais quem vos tocou quando estais no meio de uma multidão que vos comprime? E ele respondeu: é que senti sair de mim uma força... Este trecho passou a ser uma vida nova para ela, ela suspirava profundamente como a uma impossibilidade; absorta, a cabeça inclinada, ela pensava. Ah, o desejo de ironia e bondade, como de viajar, que sentia; como sou franca! Espantava-se então e banhava-se em desfalecida beatitude (LISPECTOR, 2015b, p.93).

A abordagem bíblica desnudada de esquemas domadores da hermenêutica tradicional possibilita que o texto passe a ser como uma vida nova, despertando desejos e experiências corpóreas (LISPECTOR, 2015b, p.93). Entretanto, essa abordagem causa, no mínimo, estranheza:

Mas isso não era meditar como Miguel exigia – na verdade ela não refletia e não tirava conclusões – pensava na história em si mesma, repetindo-a entre olhares, sombras, permissões e quedas. Vagamente imaginava assim: mas eu também... Agora dava sentido a uma lembrança da infância que sem os serões ignoraria talvez para sempre: quando era pequena sabia fechar os olhos e deixar coar-se a luz lentamente de dentro para fora – mas se lembrava de abri-los subitamente, tudo perdia a claridade, ela estava cansada, sim, sem força. Miguel concordava com certa relutância que também sentia alguma semelhança de Jesus consigo mesmo (LISPECTOR, 2015b,

p.93-94).

As personagens Miguel e Virgínia, ao lerem a Bíblia, sentem-se interpelados pessoalmente pelo texto lido “como uma história” (LISPECTOR, 2015b, p.93). O “eu”, grifado pela autora, refere-se à vida vivida das personagens, às lembranças que ganham novos significados e elementos que as levam a sentir alguma semelhança com a história de Jesus (LISPECTOR, 2015b, p.94). Virgínia parece viver esse processo de leitura libertadora de forma mais intensa. Miguel, por outro lado, sofrerá primeiro o peso da autoridade institucional da religião sobre a sua experiência pessoal de leitura popular da Bíblia a partir de sua vida vivida:

Numa noite, um pouco desapontado e aborrecido, contou a Virgínia que falara com o pastor narrando-lhe sobre os serões da Bíblia. Com surpresa e desgosto ouvira-o dizer: “meu filho, falta religião a esta sua leitura... pelos comentários que vocês fazem e pelo modo como ouvem... é quase um sacrilégio ler a Bíblia assim... Lê-se com mais seriedade e meditação - insisto nessa palavra meditação. Vá, meu filho; a dificuldade vem do céu; volte e leia como quem estuda”. Meditação - insisto nessa palavra - meditação (LISPECTOR, 2015b, p.94).

O “quase sacrilégio” de “ler a Bíblia assim” (LISPECTOR, 2015b, p.94), de forma indecente, motiva a censura da autoridade religiosa que, por sua vez, leva as personagens a “permaneceram pensativos. Aos poucos, sem nada combinar a respeito, interromperam para sempre as sessões” (LISPECTOR, 2015b, p.94). Não obstante a descontinuidade da prática hermenêutica da dupla, nesse trecho de *O lustre*, a autora permite que se entreveja claramente um jeito indecente de ler e

interpretar o Texto Sagrado, com todos os desafios que essa leitura implica.

BÍBLIA E INDECÊNCIA CLARICIANA

A partir da fundamentação de possibilidade de diálogo traçada até aqui entre Althaud-Reid e Clarice Lispector, queremos, por fim, nos aproximar de alguns textos claricianos que fazem abordagem e uso da Bíblia, antes de finalmente adentrarmos nessa mesma abordagem em *A via crucis do Corpo*.

Conto “Mineirinho”

Voltemos, uma vez mais, ao conto *Mineirinho*: “a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás” (LISPECTOR, 2016, p.219). A conjugação do verbo matar no imperativo da segunda pessoa do singular evidencia a fórmula bíblico-catequética do mandamento judaico-cristão. Para a autora, aquele que é o quinto mandamento na tradição bíblica (Ex 20,13) é a “primeira lei” no conto. No Texto Sagrado o mandamento está redigido de forma sumária e sem explanações. No conto, a primazia de primeira lei está explicada: “Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim” (LISPECTOR, 2016, p.219). A preocupação da autora não parece ser contrariar a Sagrada Escritura gratuitamente. Na verdade, tudo indica que, tomada pela realidade brutal do caso que lhe está diante dos olhos, é estimulada a uma releitura bíblica indecente. A realidade indignante dos tiros por prepotência pede que o quinto mandamento seja a primeira lei.

Crônica “Dies irae”

O mesmo ocorre na crônica *Dies irae*, na qual o uso do latim no título, para se referir ao termo “Dia da ira”, busca vinculá-lo à concepção religiosa do dia da ira de Deus, ao mesmo tempo que expressa a indignação da autora em relação às injustiças sociais.

Sim, aqui é noite escura às dez horas da manhã. É a ira de Deus. E se essa escuridão se transformar em chuva, que volte o dilúvio, mas sem a arca, nós que não sabemos fazer um mundo onde viver e não sabemos na nossa paralisia como viver. Porque se não voltar o dilúvio, voltarão Sodoma e Gomorra, que era a solução. Por que deixar entrar na arca um par de cada espécie? Pelo menos o par humano não tem dado senão filhos, mas não a outra vida, aquela que, não existindo, me fez amanhecer em cólera (LISPECTOR, 2018, p.16).

Todas as imagens bíblicas recolhidas nesse trecho, o dia da ira de Deus (Is 13,9; Rm 2,5), o dilúvio (Gn 6-8), e Sodoma e Gomorra (Gn 19,1-29), são imagens relacionadas a destruição cuja causa está ligada a uma intervenção divina encolerizada diante do pecado. Clarice, em sua cólera, torna-as indecentes, potencializando-as ainda mais. Que tipo de sociedade considera roubar para comer errado (LISPECTOR, 2018, p.16)? Se na tradicional interpretação bíblica, a ira de Deus e o dilúvio são resultado do pecado do povo, aqui pecado está relacionado a não “fazer um mundo onde viver e não sabemos na nossa paralisia como viver” (LISPECTOR, 2018, p.16). O pecado tem traços coletivos e sociais. Sodoma e Gomorra, expressão popularmente sinônima de sociedade de costumes sexuais depravados, na crônica, ironicamente, aparece como solução - talvez para

o fim do ser humano incapaz de gerar a “outra vida”? Eis aí uma hermenêutica indecente. Não é promiscuidade sexual o que preocupa a autora. Antes, o que é pecado, nessa obra clariciana, segundo esse uso de imagens bíblicas tão impactantes, é uma sociedade que mata de fome (LISPECTOR, 2018, p.16) e que, portanto, precisa parar, precisa ser extinguida. A raiva diante das injustiças na vida vivida sobrepõe-se. Essa outra vida que o ser humano não tem dado, provoca a cólera e o desejo de radical descontinuidade das iniquidades, especialmente a da fome. Em contrapartida, Lispector possui um conto cuja fartura e abundância de comida serão a temática, também fundamentada numa hermenêutica bíblica que podemos chamar de indecente.

Conto “Repartição dos pães”

O conto *Repartição dos pães* é um texto de caráter eucarístico (Mt 26,17-30; Mc 14, 12-26; Lc 22,7-20; LISPECTOR, 2016, p.158-159). O banquete retrata uma espécie de santa ceia celebrada por uma mulher que se doa inteira. Além da eucaristia, o texto recorda os milagres da multiplicação dos pães (Mt 14,13-21; Jo 6,1-15), não só pela alusão do título, mas também porque se pode compreender repartir como um jeito de multiplicar.

Repartição dos pães condensa, numa breve perícopie, uma enormidade de conteúdo bíblico: “Era uma mesa para homens de boa-vontade. Quem seria o conviva realmente esperado e que não viera? Mas éramos nós mesmos. Então aquela mulher dava o melhor não importava a quem? E lavava contente os pés do primeiro estrangeiro. Constrangidos, olhávamos” (LISPECTOR,

2016, p.158). Homens de boa-vontade, expressão bíblica usada pelos anjos para nomear os seres humano quando do nascimento de Jesus Cristo (Lc 2,14), parece enaltecer, no texto, a dignidade da mesa, levando o narrador a questionar se a mesa era para ele e os demais de quem se refere no conto. O questionamento do narrador é feito a partir de outro episódio bíblico em que um banquete fora preparado para convivas que inventam desculpas e não comparecem à mesa. Os textos bíblicos não nos dão muitas informações sobre quem sejam esses convidados, mas sabemos que são possuidores de terrenos no campo e pessoas de negócios. Com efeito, só depois que os convidados se negam a vir ao banquete, é que o dono da festa manda chamar os pobres que estão pelas ruas (Mt 22,1-14; Lc 14,15-24). Nessa lógica, o banquete se destina primeiro às pessoas de negócio, depois aos pobres da rua. Contudo, a interpretação indecente de Clarice apropria-se do texto e o narrador põe-se a dizer: “Quem seria o conviva realmente esperado e que não viera? Mas éramos nós mesmos” (LISPECTOR, 2016, p.158). Os convivas de *Repartição dos pães* não são a segunda opção, pois são eles mesmos os convidados.

O narrador expressa na observação que faz sobre a mulher que oferece a mesa, “aquela mulher dava o melhor não importava a quem” (LISPECTOR, 2016, p.158), sentir-se não merecedor de tamanho bem. Esse trecho parece inspirado no ditado popular “fazer o bem sem olhar a quem”, que, por sua vez, está carregado de sentido religioso (Lc 6,33). De fato, a mulher faz as vezes de Jesus e lava os pés dos convivas (Jo 13,1-20; LISPECTOR, 2016, p.158), coroando a metáfora eucarística do conto.

Ao redor da mesa, subvertendo a lógica da meritocracia e da distinção entre pessoas de negócios ou pobres da rua, Clarice estabelece a indecência de propor a repartição dos pães. Para Marcella, pão e vinho sobre a mesa são um direito de todos/as (ALTHAUS-REID, 2006, p.456). Para Clarice, “pão é amor entre estranhos” (LISPECTOR, 2016, p.159).

Romance “Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres”

Há, ainda, um romance de Lispector que traz uma importante imagem alimentícia. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* nos remete a outra cena bíblica icônica: Adão e Eva comendo do fruto proibido no paraíso (Gn 3,5-6).

Depois de examiná-la, de revirá-la, de ver como nunca vira a sua redondez e sua cor escarlate – então devagar, deu-lhe uma mordida.

E, oh Deus, como se fosse a maçã proibida do paraíso, mas que ela agora já conhecesse o bem, e não só o mal como antes. Ao contrário de Eva, ao morder a maçã entrava no paraíso.

Só deu uma mordida e depositou a maçã na mesa. Porque alguma coisa desconhecida estava suavemente acontecendo. Era o começo – de um estado de graça.

Só quem já tivesse estado em graça, poderia reconhecer o que ela sentia. Não se tratava de uma inspiração, que era uma graça especial que tantas vezes acontecia aos que lidavam com arte (LISPECTOR, 1998b, p.84).

O abocanhar do fruto é o momento de transforma-

ção das personagens, seja na Bíblia, seja no romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Lóri, protagonista da obra de Clarice, vive a subversão da experiência de Eva. A teologia feita a partir do livro de Gênesis leva a entender que o casal mitológico não conhecia o mal; parece que viviam em um estado de graça antes do que se convencionou chamar a Queda. Lóri, pelo contrário, só conhecera o mal, e agora se deparava com o bem e o estado de graça.

Entretanto, o estado de graça descrito no romance caracteriza-se como uma bem-aventurança física, de felicidade e de percepção da vida e do corpo como dom. Dito de outra maneira, não é uma experiência só da alma, mas corpórea também: “E ela sentia que era um dom porque estava experimentando, de uma fonte direta, a dádiva indubitável de existir materialmente” (LISPECTOR, 1998b, p.84).

Com efeito, ao sair do estado de graça, Lóri está mais aberta à possibilidade de construção de novos laços sociais que estruturam uma sociedade justa, e mais capaz de amar: “E saíra melhor criatura do que entrara” (LISPECTOR, 1998b, p.86). A experiência de Lóri apresenta-se mais humanizada e mostra-se mais bem conectada com a realidade das experiências da vida vivida porque não se limita a um horizonte abstrato, no âmbito da alma, mas supera o dualismo, emergindo enquanto vivência corpórea. Portanto, longe de ser uma experiência de queda e afastamento do transcendente, trata-se de um encontro consigo mesma, com o transcendente e com as possibilidades de novas relações com os/as demais (MUSSKOPF, 2020, p.34).

A via Crucis do Corpo

De acordo com a tradição católica até o pontificado de São João Paulo II, a *via crucis* ou via sacra era composta por 14 estações⁹ que descreviam o caminho de Jesus até a cruz. *A Via Crucis do Corpo*, de Clarice Lispector, “é um livro de treze histórias. Mas podia ser de quatorze” (LISPECTOR, 2015a, p.07). De fato, são treze contos e, no início, uma *Explicação* da obra que contém em seus finais uma pincelada do que seria a décima quarta história. O motivo: “eu não quero”, diz Clarice. “Porque estaria desrespeitando a confiança de um homem simples que me contou a sua vida” (LISPECTOR, 2015a, p.07). Entretanto, na sequência, nos dá a conhecer sumariamente a história desse homem. Afinal, são 13 ou 14 histórias? A ambiguidade parece subverter a sagrada lógica das estações. A indecência permeia todo o texto.

Tradicionalmente, as histórias narradas quando da reza da *via dolorosa* exploram desde o enxugar do suor e sangue do rosto do Cristo pela doce Verônica, até o desnudamento que os guardas fazem do nazareno, culminado com o fincar dos pregos em seu corpo. De fato, a via sacra do Cristo está impregnada de corporeidade, mesmo assim, era Clarice Lispector, nessa obra de contos que exploram o corpo, quem poderia causar um *frisson*¹⁰ (LISPECTOR, 2015a, p.07).

Sexo, corpo feminino desde uma perspectiva dos anseios de mulher, e liberação sexual, eram “assunto perigoso” (LISPECTOR, 2015a, p.07) que a escritora finalmente se punha a abordar de forma mais direta 9 Wojtyła acrescentou a décima quinta estação: a Ressurreição de Jesus.

10 Comoção ou emoção forte que toma conta de uma ou várias pessoas, geralmente causando alvoroço.

e profunda. *A via Crucis do Corpo* talvez seja o livro de Clarice mais indecente – no sentido apontado por Marcella e que estamos usando nesse artigo (ALTHAUS-REID, 2001, p.02). Nele, a autora entra no mundo da Bíblia e da religiosidade cristã, mas não para simplesmente repeti-lo, recontando-o. Na verdade, Clarice transporta para as narrativas bíblicas as histórias ficcionadas a partir da realidade de vidas vividas (LISPECTOR, 2015a, p.07), fazendo daquelas uma hermenêutica indecente que resulta em contos transgressores. De fato, a obra *A via Crucis do Corpo* está permeada de elementos da religiosidade cristã e dos Textos Sagrados que são subvertidos, desde o título do livro, o formato em 13 ou 14 contos, até o conteúdo dos contos, particularmente as personagens, todas elas releituras de figuras bíblicas ou caras à tradição cristã.

Miss Algrave

O primeiro conto do livro, *Miss Algrave*, conta a história de Ruth, mulher que desperta para a vivência da sexualidade, passando da repressão para o sexo com um ser extraterrestre, a descoberta da masturbação, até a relação sexual com diversos parceiros. Rute, a personagem bíblica do livro que leva o seu nome, é uma moabita na terra de Israel. A estrangeira abraça a cultura do seu finado marido e casa-se novamente com um dos parentes da sogra, salvando-as da miséria.

Em *Miss Algrave*, a ideia de estrangeiro é expandida para extraterrestre. Ixtlan é um ser alienígena de Saturno que fala sânscrito, mas que é entendido perfeitamente por Ruth. Ruth e Rute ultrapassam as fronteiras dos limites culturais para tecer relações (Rt

1,16; LISPECTOR, 2015a, p.11). De fato, o significado do nome Rute/Ruth “além de plena de beleza, é amiga. (...) Ruth será amiga de Ixtlan e de todos os outros homens com quem se relacionará após a descoberta do sexo” (DEFILIPPO, 2008, p.103).

Episódios significativos são os encontros noturnos que pairam nas duas histórias e mudam o destino de Rute e Ruth. A relação sexual que Ruth e Ixtlan mantêm, sob a lua cheia, altera a disposição da mulher em relação ao sexo (LISPECTOR, 2015a, p.12). Ruth vive um processo de libertação sexual e passa a explorar a masturbação e a relação sexual com outros parceiros enquanto espera pela próxima lua cheia, quando terá oportunidade de rever Ixtlan (LISPECTOR, 2015a, p.13). Rute, também em um encontro noturno, procura o parente da sua sogra que será seu futuro marido, chama-o de “resgatador” e deita-se com ele (Rt 3). No dia seguinte, virá a proposta de casamento (Rt 4). O indecentamento da narrativa bíblica de Rute em *Miss Algrave* acaba por ser um processo de voltar a experiências autênticas, cotidianas da sexualidade que, por vezes, são descritas apenas como estranhas (ALTHAUS-REID, 2001, p.71). Trata-se da naturalização das vivências sexuais a partir da realidade do que as pessoas experimentam. Com efeito, histórias sexuais que estão na base da pirâmide são cruciais porque, em sua complexidade e diversidade, elas desafiam a presunção monolítica da construção de uma *heterotopia*, ao invés de Utopia (ALTHAUS-REID, 2001, p.148).

Três Marias: A via crucis, A língua do ‘p’ e Mas vai chover

A coletânea de contos *A via Crucis do Corpo* contém três histórias de três Marias: Nos contos “A via crucis”, “A língua do ‘p’” e “Mas vai chover”, as três mulheres chamam-se Maria, alusão clara à mãe de Cristo (DEFILIPPO, 2008, p.103). Apesar da Bíblia conter pouca informação sobre a figura de Maria de Nazaré, na tradição cristã trata-se de uma das mais importantes personagens religiosas. Em *A via Crucis do Corpo*, seu peso de importância perpassa por três histórias.

O conto *A via crucis* parafraseia o nascimento de Cristo. O nome composto da personagem, Maria das Dores, mostra, explicitamente, o papel dessa mulher: carregar o sofrimento de ser a mãe do filho de Deus (DEFILIPPO, 2008, p.103; LISPECTOR, 2015a, p.21-23). O foco narrativo não é o filho, mas a mãe Maria que questiona o destino: “Mas que posso fazer para que meu filho não siga a via crucis?” (LISPECTOR, 2015a, p.22). A inconformidade com o sofrimento certo a faz mudar o nome do menino para Emanuel (LISPECTOR, 2015a, p.22). De fato,

Clarice empreende neste conto uma inversão da história religiosa criando um ambiente em que a mulher, de posse de todo um passado referencial, resolve por si mesma repetir o caminho bíblico transformando a história, sem desfecho – uma vez que o leitor já o conhece – numa grande dessacralização do Sagrado (DEFILIPPO, 2012, p.99-100).

A hermenêutica indecente de Clarice ironicamente faz de uma virgem Maria a protagonista de sua construção de identidade. Trata-se de uma mulher que se

apropriada e ocupa a história sagrada para fazê-la sua. Na verdade, ao transformar Marias em mulheres que desejam, percebemos em Clarice uma tentativa de transgredir uma referência mariana de aceitação passiva e silêncio (Lc 1,38; Lc 2,19; Lc 2,51; DEFILIPPO, 2008, p.103). Com efeito, a experiência da leitura da Bíblia, com as preocupações, necessidades e desejos da vida vivida, provoca novos sentidos e saberes em relação ao texto (MUSSKOPF, 2020, p.36).

A segunda Maria, do conto *A língua do 'p'*, Maria Aparecida, “está no conto da mulher que será estupro por dois homens. A forma de defesa dela? Parecer quem não é, tornar-se evidente, revelada, notada, aparecida” (DEFILIPPO, 2008, p.104). A personagem bíblica discreta e silenciosa da Virgem de Nazaré (Lc 2,19; Lc 2,51) pouco assemelha-se à virgem Maria Aparecida, que opta por performatizar postura extravagante na tentativa de salvaguardar sua integridade física. A temática desse conto denuncia a violência sexual contra as mulheres. Maria Aparecida, diante do perigo eminente do estupro, chama pela outra Maria: “Me socorre, Virgem Maria! Me socorre! Me socorre!” (LISPECTOR, 2015a, p.45). A estratégia de fuga é exatamente a indecência, pois “eles desistem, não gostam de vagabunda” (LISPECTOR, 2015a, p.45). De fato, a indecência desestabiliza os sistemas patriarcais de opressão e violência.

A última Maria, Maria Angélica, é a mulher do conto “Mas vai chover”, senhora de 60 anos que se envolve afetivamente com um jovem entregador da farmácia onde compra vitaminas. Maria Angélica, permitindo-se o desfrute sexual com esse rapaz de 19 anos que presenteia com diversos mimos (LISPECTOR,

2015a, p.50-51), é descartada quando não consegue prover as exigências de seu *affair*¹¹ Alex: “Sua velha desgraçada! Sua porca, sua vagabunda! Sem um bilhão não me presto mais para as suas sem-vergonhices!” (LISPECTOR, 2015a, p.51). Qual seria a decência sexual esperada no modo de proceder de uma senhora de 60 anos? Uma castidade angelical a exemplo da virgem Maria? Maria Angélica não reproduz a imagem da jovem Maria de Nazaré que se casou com um homem mais velho, José (Mt 1,18), e, segundo a tradição católica, permaneceu casta.

As “sem-vergonhices” - indecências - de Maria Angélica e Alex traduzem vivências sexuais intergeracionais que, por si só, são perturbadoras dos papéis sociais deles esperados. É como se a condição geracional de Maria Angélica fosse impeditiva para a sua realização sexual, especialmente com um homem mais novo. O texto clariciano demonstra que Maria Angélica não estabelece uma relação acordada de *Sugar Momma*¹² com Alex, uma vez que Maria acredita que ele está afetivamente envolvido na relação dos dois: “Uma amiga sua advertiu-lhe: – Maria Angélica, você não vê que o rapaz é um pilantra? Que está explorando você? – Não admito que você chame Alex de pilantra! E ele me ama!” (LISPECTOR, 2015a, p.50). Na ausência de consciência da realidade da relação que está em jogo, abre-se a “ferida de guerra” (LISPECTOR, 2015a, p.51). Por essa razão, uma leitura indecente da vida e da Bíblia busca exatamente devolver esse senso de reali-

11 *Affair* é uma expressão que vem do francês *affaire*, que significa caso. É frequentemente usada em português para definir um caso amoroso ou romance.

12 *Sugar momma* é uma mulher mais velha que esbanja dinheiro ou presentes com homem mais jovem em troca de companheirismo e/ou intimidade.

dade, que não se identifica com a realidade do senso comum, mas com a das vivências das pessoas, como elas são (ALTHAUS-REID, 2001, p.71).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tipo de leitura dos Textos Sagrados que emerge da obra de Clarice pode ser descrito ou tematizado enquanto hermenêutica muito similar à praticada por teólogos/as latino-americanos/as filiados/as à Teologia da Libertação e ao movimento feminista, na esteira do método de leitura popular da Bíblia.

A partir de *Explicação*, contido em *A Via Crucis do Corpo*, torna-se possível traçar aspectos de uma fundamentação epistemológica de aproximação entre a emergente hermenêutica bíblica clariciana e o pensamento de Marcella Althaus-Reid sobre indecência. Com efeito, os pressupostos de Marcella sobre a leitura de textos bíblicos forneceram elementos mais metodológicos para encontrar nas produções de Clarice Lispector as possíveis aproximações a esta prática hermenêutica indecente de Althaus-Reid, hipótese que parece culminar na obra *A Via Crucis do Corpo*, em que melhor se evidencia esse traço hermenêutico transgressor.

Enquanto experiência hermenêutica da Bíblia, a obra de Clarice revela também o Deus percebido por Lispector. Por essa razão, para Marcella, “usando a memória teológica de experiências amorosas não fixáveis e perturbadoras, nós deveríamos ser capazes de pensar sobre uma experiência de Deus em movimento como expressa pela retórica de um transbordamento erótico divino” (ALTHAUS-REID, 2003, p.44, tradução nos-

sa¹³). Clarice Lispector parece ter sido capaz de pensar numa experiência indecente de Deus no movimento da vida vivida e na Bíblia. Por isso, com razão, podemos afirmar, sem rodeios, que Clarice Lispector é uma heremeneuta da Bíblia.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS-REID, Marcella M. Demitologizando a Teologia da Libertação. Reflexões sobre poder, pobreza e sexualidade. In: SUSIN, L. C. (org.). Teologia para outro mundo possível. São Paulo: Paulinas, 2006.

ALTHAUS-REID, Marcella. Indecent theology. London: Routledge, 2001. (E-book).

ALTHAUS-REID, Marcella. Mark. In: GUEST, Deryn (ed.) The Queer Bible Commentary. London: SCM Press, 2011, p.739-751. (E-book).

ALTHAUS-REID, Marcella. Queer God. London: Routledge, 2003. (E-book).

BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 1997.

DEFILIPPO, Juliana Gervason. As mulheres bíblicas nos contos eróticos de Clarice Lispector. In: Verbo de Minas: Letras, Juiz de Fora, v.13, n. 21, p. 95-105, jan/jul. 2012.

DEFILIPPO, Juliana Gervason. A Hora do Lixo: Literatura encomendada de Clarice Lispector. In: Signótica, v. 20, n. 1, p. 83-112, jan./jun. 2008.

LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1998a. (E-book).

LISPECTOR, Clarice. A Via Crucis do Corpo. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015a. (E-book).

LISPECTOR, Clarice. O lustre. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015b. (E-book).

13 "Using the theological memory of unsettling loving experiences, we should be able to think about an experience of God in movement as expressed by the rhetoric of an erotic overflowing of the divine" (ALTHAUS-REID, 2003, p.44).



LISPECTOR, Clarice. Panorama com Clarice Lispector. Youtube TV Cultura, 1977. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1I2EVnU&t=1296s> Acesso em: 22 de fev. de 2022.

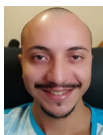
LISPECTOR, Clarice. Todas as crônicas. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2018. (E-book).

LISPECTOR, Clarice. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016. (E-book).

LISPECTOR, Clarice. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1998b. (E-book).

MUSSKOPF, André S. “Que comece a festa”: O filho pródigo e os homens gays. Belo Horizonte: Senso, 2020.

João Melo e Silva Junior



Religioso jesuíta, graduado em filosofia pelo Centro Universitário de Assunção - UNIFAI, estudante de teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE e especialista em catequese pela UNISAL-SP. Participa do Grupo de Pesquisa LERTE (Literatura, Religião, Teologia) da PUC-SP, do Grupo de Pesquisa Diversidade afetivo-sexual e teologia da FAJE, e do Grupo de Pesquisa Fé Cristã e Contemporaneidade, também da FAJE.

NOTÍCIAS COM JOÃO MELO E SILVA JÚNIOR PUBLICADAS NO IHU

- [A fecundidade das uniões homoafetivas](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadiu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadiu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 54 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstruem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viglada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir

 UNISINOS